

INTERESSES E HABITOS DE LEITURA DE ALUNOS DOS CURSOS SUPLETIVOS DA F E P L A M

**Euza Maria de Rezende
Bonamigo**

I. INTRODUÇÃO

Dentre as cinco habilidades comunicativas cujo desenvolvimento constitui objetivo do primeiro grau, no ensino de Língua Pátria (Dawson et alii, 1963, p. 20-33; Soares, 1970; Silva e Carvalho 1971, p. 20-1; Wiedemann, 1973 p. 18-21; Rodrigues, 1974), ouvir, falar, ler, escrever e pensar, a leitura situa-se, indiscutivelmente, entre as mais importantes. Existe, na verdade, uma série de razões que faz do ler um dos pontos essenciais do ensino, razões essas bastante conhecidas dos educadores, algumas das quais são as seguintes:

O primeiro motivo pelo qual o contato com a leitura é importante reside no fato de que, independentemente de sua qualidade e do nível lingüístico em que houver sido elaborado o texto, ele constitui experiência de "intake"* , ao lado da habilidade de ouvir. Em outras palavras, "ler" e "ouvir" são atividades de receber mensagens, por conseguinte, maneiras de ampliar, em primeiro lugar, o nível de conteúdo dos indivíduos tornando maior seu campo de vivência, e, assim, literalmente munindo-os de maior número de idéias na realização do "pensar", "falar" e "escrever".

* Intake — pode ser traduzido como "impressão", atividade em que o aluno é receptor, embora o termo em Português não denote exatamente o mesmo que seu correspondente em Inglês. Em oposição, situa-se "OUTGO", termo que pode ser traduzido como "expressão".

Dawson et alii (1963, p. 24-5) chamam a atenção para o fato de que, usualmente, o baixo nível ideativo revelado no "outgo" (expressão) por alunos de 1º e 2º graus, especialmente em classes de Língua Materna, poderia ser explicado pela pobreza de experiências desses alunos, e que a maneira mais adequada de ampliá-las seria a intensificação das atividades em que o aluno **recebesse** ativamente mensagens, ou seja, fosse, entre outras coisas, ouvinte e leitor.

Isso seria verdade não apenas no que se refere a aulas que tratam mais diretamente com as habilidades comunicativas (como aulas de Língua Portuguesa), mas, igualmente, para outras disciplinas. É evidente que mesmo a literatura recreativa pode incluir, direta ou indiretamente, conteúdos relativos a disciplinas como História, Ciências, Geografia, etc.

Um segundo aspecto pode ser ressaltado aí: se as idéias que uma pessoa recebe, através do "ouvir" ou do "ler" influenciam, de maneira mensurável, o conteúdo do que fala e escreve (Dawson et alii, 1973 p. 28-30), e se o que ela **pensa** depende, em grande parte, do que ela ouve, fala, lê e escreve (Berlo, 1968 p. 44-5), então, um outro papel da leitura é detectável: o de modificação do comportamento. Sendo-se mais concreto: não apenas a conduta momentânea, mas os próprios hábitos e atitudes de uma pessoa (que dependem do que ela pensa) podem ser influenciados pelo que ela lê.

Ainda uma terceira razão para a leitura merecer o interesse de pesquisadores é o papel de estruturador dos hábitos lingüísticos que desempenha o texto. Uma das responsabilidades do ensino de Língua Pátria, nas escolas, é o da aquisição, pelos estudantes, da língua padrão (Dawson et alii, 1963 p. 13-14). Os autores com que se entra em contacto são "modelos de comunicação" (Soares 1970): suas estruturas e vocabulário, a par de suas idéias, são captados, decodificados e, se o contato é repetido e prolongado, eles são incorporados aos hábitos lingüísticos da pessoa (Rodrigues, 1974).

Ora, nem as habilidades comunicativas, nem os conteúdos, hábitos, atitudes e nem, ainda, um desempenho lingüístico são utilizados meramente na escola. Dessa forma, a preocupação com a leitura é uma preocupação de todos os educadores, em especial nos níveis da escola fundamental. Seria desejável que todos os alunos lessem bastante, e material de boa qualidade, para se garantir um crescimento seguro nos três aspectos supramencionados.

Um dos problemas que vêm preocupando os educadores,

em geral, e muitos pais, em particular, diz respeito à falta de hábitos de leitura. Parece que a população lê pouco, apesar do fato de um grande número de obras vir sendo editado e reeditado ultimamente.

Ainda que muitas pessoas se dediquem intensamente à leitura, parece que essa atividade não está ocupando o tempo da maioria dos que sabem ler.

Um trabalho que merece ser citado é o de Savino (1972) cujo objetivo é desenvolver o hábito da leitura, solicitando do aluno um trabalho de "leitura extensiva" e oferecendo uma avaliação constante por parte do professor.

Interessados direta ou indiretamente nesse dado, pesquisadores como Anselmo (1972) e Oliveira (1972) têm procurado colher dados a respeito dos hábitos e preferências de estudantes, embora os referidos estudos tenham sido realizados com crianças e adolescentes em processo de escolaridade normal quanto à faixa etária.

O estudo sobre os interesses em leitura de sujeito de faixa etária mais elevada que se pode localizar, no Brasil, diz respeito a jovens em fim de 2º grau (IEL, 1975).

Ora, Brown (1970, p. 109), entre outros pesquisadores, ressalta a singularidade das populações adultas, em especial quanto aos interesses na leitura, quando comparadas a outras populações, mesmo dentro de faixas sócio-econômicas semelhantes.

Uma vez que a clientela dos Cursos Supletivos é formada de adolescentes e adultos, pouco podem ajudar a compreendê-la, estudos sobre escolares de outras faixas etárias. Saber o que essa população lê, seus hábitos e preferências a respeito, seria um meio para se conhecer, até certo ponto, seu nível cultural e seus comportamentos.

Uma pesquisa que desse dados a esse respeito poderia, inclusive, contribuir para o aproveitamento escolar mais pronunciado dessa parcela da população que já se acha engajada, em sua maioria, no mercado de trabalho e na produção do país. Deve haver, por exemplo, razões que levem a pessoa a ler ou a deixar de ler. A comumente alegada "falta de tempo" das clientelas do supletivo será de fato causa da reduzida frequência de leitura? Seria interessante conhecer respostas a questões como essa, a fim de evitar, na medida do possível,

que outros fatores que dificultem os hábitos de leitura persistam na vida escolar dos sujeitos. Se se conseguirem esclarecer problemas como esse, ou o nível de interesse em leitura, nessa população, talvez se torne possível o planejamento de livros, bibliotecas, clubes de leituras e outros eventos que possam vir a facilitar hábito tão desejável.

Nesse sentido, com o objetivo de colher informações sobre uma população que se conhece tão pouco, o presente estudo se propõe a:

- A) — verificar os hábitos e interesses de leitura de adolescentes e adultos do Curso Supletivo.
- B) — identificar os eventos que influem sobre tais hábitos.

II. MÉTODO

Sujeitos — Tomou-se como sujeitos da presente pesquisa a população de alunos matriculados nos Cursos Supletivos de 2º grau da FEPLAM,* no 1º semestre de 1977, em todos os municípios do Estado onde tais cursos são oferecidos. O número de matriculados era de 154, sendo que apenas 106 foram respondentes, devido à grande frequência de evasão. Os poucos alunos matriculados em Porto Alegre foram usados na fase de testagem do instrumento e, portanto, foram excluídos da pesquisa propriamente dita.

Instrumento — Foi utilizado um questionário com 33 questões, a maioria delas do tipo fechado com várias alternativas de resposta, elaborado a partir do questionário utilizado na pesquisa do IEL (1975). O referido instrumento foi inicialmente testado com elementos da população em estudo, procurando-se com isto torná-lo mais adequado, claro e acessível aos sujeitos.

Procedimento — O questionário foi entregue a cada aluno através dos monitores da FEPLAM e por eles recolhidos e devolvidos ao coordenador da pesquisa. Foi respondido individualmente, em horário de aula, com base nas instruções orais dadas pelo monitor que as recebia, por escrito, do coordenador da pesquisa.

* A autora agradece à FEPLAM a grande colaboração prestada na fase de coleta de dados da presente pesquisa.

III. RESULTADOS

A partir do instrumento utilizado na presente pesquisa, composto de 33 questões, com número variado de alternativas, obteve-se dados dos 106 sujeitos aos quais foi possível aplicar o questionário. Estes dados, após codificação, foram analisados pelo computador e sua distribuição mostra o que segue:

Verifica-se que 63,1% da amostra pertencem ao sexo feminino, 70,6% são solteiros e 75,2% estão empregados. A idade dos sujeitos varia de 16 a 58 anos. Todavia, a amostra pode ser considerada jovem, uma vez que a média é de 25 anos e 67,5% dos casos se encontram na faixa entre 18 e 26 anos.

O número de horas diárias de trabalho varia, sendo, em média, de 8 horas.

Constata-se que 41,2% dos sujeitos exercem profissões que requerem apenas habilidade manual, distribuindo-se de modo mais ou menos uniforme os demais sujeitos entre os outros níveis da escala adotada.

A renda pessoal dos sujeitos estudados varia de Cr\$ 200,00 até Cr\$ 4.000,00, sendo a média de Cr\$ 1.388,34, levemente superior ao salário mínimo regional.

Em relação à profissão dos pais, 80% deles exercem profissões envolvendo habilidade manual, com uma renda familiar que varia de Cr\$ 1.000,00 até 7.000,00 ou mais, estando a média em torno de Cr\$ 3.000,00.

O nível educacional dos pais é predominantemente baixo, sendo que 73% dos pais e 75,2% das mães têm apenas escolaridade primária.

Quanto ao número de horas dedicadas à leitura, constata-se que 60,7% dos sujeitos lêem de 1 a 4 horas semanais e que 26,5% dedicam mais de 5 horas a esta atividade. Em relação à aquisição do livro, 46,2% o compram, 48,1% o pedem emprestado a conhecidos, enquanto apenas 5,8% o retiram de bibliotecas.

Ao se considerar o hábito da leitura, constata-se que, na opinião dos filhos, 46% dos pais, 51,2% das mães e 48,5% dos amigos gostam pouco de ler. Dos que lêem, apenas 57,6% dos amigos fazem alguns comentários sobre suas leituras.

Quando interrogado, o jovem declara-se de acordo (95,2%) em que se deve ler, que a leitura ajuda a melhorar o nível sócio-econômico (83,5%) e que gostaria de ler mais (97,2%). Entre outras atividades, a leitura está valorizada em 1º lugar por 34,3% dos casos, coincidindo com a escolha mais freqüentemente feita pelo grupo. Todavia, os sujeitos revelam que não têm boas condições para ler. Entre as razões apontadas, destacam-se a falta de tempo (78,8%), muito trabalho (41,5%) e a dificuldade em conseguir livros ou revistas sem gastar dinheiro (25,5%).

No que diz respeito ao tipo de leitura, há evidências de que, ainda que só algumas vezes por mês, jornal é o mais freqüentemente lido (98,8%), seguindo-se revistas (90,9%) e livro didático (79,2%), sendo que declaram nunca haver lido livro técnico (42,9%), fotonovela (40,8%), história em quadrinhos (31,9%) livro recreativo (19,5%), livro didático (16,7), revistas (2,6%) e jornal (1,2%).

Em relação aos assuntos, as preferências variam, destacando-se porém História (80,2%), Religião (76,1%), Sexo (69,8%), Humor (63,1%) e Arte (61,6%), entre 17 assuntos listados.

A indicação dos autores nacionais lidos revela que, numa lista de 16 nomes, em 1º lugar está Erico Verissimo (70,2%), seguindo-se José de Alencar (66,3%) e Jorge Amado (63,2%). A lista dos autores estrangeiros é quase que totalmente ignorada, destacando-se Eça de Queirós como o autor menos desconhecido, uma vez que 23,3% dizem já o ter lido.

Interrogado sobre leitura realizada no ano de 1977, a maioria dos sujeitos declara não ter lido nenhum livro (48,1%) ou apenas um (40,4%).

Quanto ao tipo de revista, os interesses dividem-se entre assuntos de informação, moda ou recreação (52,9%) e novelas (40,0%).

O grupo estudado faz sugestões para ajudar as pessoas a lerem mais. Entre elas, destacam-se: barateamento do livro (31,3%), campanhas (28,4%) e organização de bibliotecas e empréstimos de livros (19,4%).

IV. DISCUSSÃO

Se forem levadas em conta as características da amostra estudada parece possível compreender, em parte, os resulta-

dos encontrados em relação aos hábitos e interesses de leitura dos alunos do Supletivo.

Inicialmente cumpre lembrar que em sua maioria a amostra parece pertencer a um nível sócio-econômico médio baixo, é do sexo feminino, solteira, está empregada e é jovem. Por outro lado, os pais têm baixa escolaridade, exercem profissões menos qualificadas e não têm hábitos de leitura.

Considerando que, como outras atividades, a leitura está, em parte, sujeita à influência de modelos e, em parte, sujeita a certas condições básicas que a favoreçam, por ex. tempo para ler, dinheiro para comprar livros, facilidades de empréstimos, etc. é explicável o resultado encontrado. Pelo fato de os pais, as mães e os amigos lerem pouco, os jovens não são reforçados a se dedicar a essa atividade. Resultado diferente foi encontrado entre escolares do 2º grau, uma vez que cerca de 2/3 deles declararam que seus pais gostam de ler (IEL, 1975).

Tendo em vista que os sujeitos trabalham fora e que por ser em sua maioria do sexo feminino, geralmente têm outras ocupações domésticas e que, por problemas de ordem econômica e cultural não compram livros, não se pode esperar que o hábito da leitura seja forte.

Além disto, por exercerem profissões que requerem, sobretudo, habilidades manuais, desenvolvem menos a habilidade verbal e sentem menos a necessidade de leitura, se bem que a grande maioria declarou valorizar essa atividade.

Um hábito pouco estabelecido parece ser o de procura da biblioteca. Apenas 5,8% desses sujeitos retiram livros. Resultado um pouco superior, porém ainda de apenas 20% foi encontrado entre escolares do 2º grau (IEL, 1975). Isto seria devido à escassez de bibliotecas ou de livros, à dificuldades colocadas por estas ao empréstimo, ou simplesmente questão de falta de hábito dos consumidores?

Este é um ponto que merece ser melhor estudado e equacionado. Não seria o caso, conforme sugestão dos respondentes, de se organizarem campanhas de leitura? Será que todas as pessoas já passaram pela agradável experiência de ler um bom livro? E será que isto não é um direito de todos? Ou ainda precisa ser mostrado o quanto se aprende através da leitura?

Coisas boas e más, históricas ou atuais, curiosidades ou aquilo que se refere a necessidades básicas (por ex. hábitos alimentares) são transmitidas pelo livro e incorporadas pelo leitor. A leitura amplia as vivências do indivíduo, aumenta o número de suas idéias, ajudando-o a pensar, a falar e a escrever.

Além disto, a leitura influencia hábitos, interesses, atitudes e modifica o comportamento de quem lê, ajudando o crescimento da pessoa em várias áreas, seja psíquica, social ou mesmo artística.

Tendo em vista que a leitura mais freqüentemente indicada se refere a jornais, revistas e livros didáticos e isto com freqüência de apenas algumas vezes por mês, e que 88,1% não leu nenhum livro ou apenas um no ano anterior, chega-se a duvidar da resposta de 26,5% dos sujeitos que declararam dedicar mais de 5 horas semanais à leitura.

Em relação a esse tempo a questão pedia que não se incluisse a leitura de livro didático e é possível que isto não tenha sido levado em consideração quando o sujeito respondia.

Parece que eles incluíram as horas de estudo dentro dessa resposta uma vez que a percentagem parece bastante elevada para a amostra e porque não condiz com as outras respostas. Se a quarta parte da amostra lê mais de 5 horas semanais, daria aproximadamente 240 horas de leitura num ano e era então de se esperar que pelo menos essa parte da amostra tivesse lido mais de um livro no decorrer do ano, o que não aconteceu. Também não é tão freqüente nessa amostra o hábito de ler jornal ou revistas de modo a justificar tal consumo de horas com leitura.

Supõe-se, ainda, que os respondentes não estivessem seguros do que pode ser considerado um livro didático, pois 16,7% da amostra indicou não ler nunca esse tipo de livro e não se pode esquecer aqui de que os sujeitos são alunos do curso Supletivo. Outra possibilidade, e se verdadeira será desastrosa, é que, embora freqüentando o curso, esses alunos apenas assistam a aulas e nunca lêem livros, nem menos os das disciplinas escolares.

Seria interessante esclarecer este assunto, uma vez que muito se vem falando da progressiva diminuição da qualidade do ensino e do baixo produto escolar, sem serem conhecidas onde realmente se encontram as explicações.

Ao se examinar o baixo rendimento de alunos em todos os níveis parece que não tem sido considerado o problema da leitura como uma possível explicação para o êxito ou o fracasso escolar. Por exemplo, a dificuldade de expressão é muitas vezes causada por insuficiência de leitura.

Observações assistemáticas fornecem alguma evidência de que são muitos os alunos que se limitam a assistir aulas, anotar o que o professor diz, ou copiar (e agora está na moda fazer xerox do caderno dos colegas) o que algum colega escreve, sem jamais consultar o livro didático, nem para conferir as anotações, nem muito menos para complementá-las. Um suporte para isto são os dados da pesquisa do IEL (1975) que indicam que, embora a amostra fosse estudantil, entre as obras menos lidas encontravam-se os livros didáticos.

A falha já se avoluma tanto que muitos professores de 1º grau e até de 2º grau não indicam livros didáticos para consulta ou complementação. Limitam-se a organizar resumos dos assuntos e a transmiti-los aos alunos.

A posição do autor da presente pesquisa é a de que a leitura é condição necessária para o desenvolvimento intelectual de cada um e que não se pode conceber uma civilização que queira se adiantar sem que seu povo leia muito.

"O livro, em síntese, é a herança cultural a nós transmitida. O leitor receberá da obra não apenas aquela emoção da curiosidade das histórias surpreendentes, mas toda uma unidade cultural contida, interligada nas linhas e entrelinhas da publicação lida" (Savino, 1972, p. 8).

A atividade da leitura, sobretudo se ela é selecionada, propicia ensinamentos de filosofia, religião, valores éticos e estéticos, políticos, econômicos, de cultura geral, enfim conduz ao aperfeiçoamento humano. Deve-se ver no livro não apenas o conteúdo cultural e o parecer do enredo mas até a forma estilística (Savino, 1972).

A par da preocupação com o hábito da leitura não se pode esquecer a necessidade de se avaliar a qualidade do material que é oferecido. Seria desejável que todos lessem muito, e material de boa qualidade tanto no que tange ao seu conteúdo quanto à sua forma.

Um fato curioso é que nesta pesquisa o jovem dá evidências de que valoriza muito mais a leitura do que a pratica realmente. É de se tentar esclarecer se ele de fato valoriza ou

se responde de forma estereotipada, por estar acostumado a repetir o que outros dizem acerca da importância da leitura. Como alega razões para não ler, seria o caso de se tentar resolver os obstáculos por ele colocados e então constatar o efeito disto.

Quanto às razões reveladas pelo jovem para não ler parece que há um círculo vicioso: diz que não tem tempo, então não lê. Como não lê, não tem condições de reconhecer a real importância dessa atividade, então não acha tempo para ela.

Aí é que vem o papel do educador: interromper este círculo incentivando a leitura, facilitando as condições de aquisição do livro, exigindo atividades e respostas baseadas em livro.

Pode-se lembrar aqui que a escolha das leituras dos adolescentes (IEL, 1975) apenas em 14,4% dos casos recebe orientação do professor. Este percentual é bastante baixo, principalmente se levar em conta que o professor deve representar um modelo e um conselheiro também no que tange a leituras. Como na presente pesquisa não se mediu a influência do professor sobre a escolha do aluno, não se pretende tecer outros comentários a esse respeito.

Conforme Saldanha (1975) alguns fatores prejudicam a leitura, entre eles: pobreza de vocabulário, limitada capacidade de compreender o texto, condições somáticas desfavoráveis, especialmente limitada acuidade visual, atitude anti-intelectual, falta de incentivos a leituras particularmente por parte dos companheiros, níveis social e econômico não propícios à leitura.

É possível que muitos desses fatores estejam interferindo na falta de hábito de leitura dos alunos do curso Supletivo, se bem que, por não terem sido medidos, estes fatores não foram claramente evidenciados na presente pesquisa. Entretanto, é possível supor que, dadas as condições econômicas desses sujeitos, muitas das variáveis aqui listadas sejam determinantes dos resultados encontrados, exceção que deve ser feita ao fato de que essa população atribui alto valor à atividade da leitura em si.

Deve-se dar atenção aos interesses revelados pelos sujeitos e explorar esse meio para criar um hábito de leitura iniciando talvez por obras que mais agradam à população. Enquanto a amostra de 2º grau indicou preferir Ficção Científica, Humorismo, Psicologia e Amor (IEL, 1975), a presente amostra prefere História, Religião, Sexo e Humor, respectivamente.

Segundo Simões (1977), muitos professores, principalmente os de 1º grau, costumam indicar livros completamente inadequados aos interesses dos alunos, criando com isto uma resistência contra o hábito da leitura. Segundo o referido professor, os rapazes deveriam ser incentivados a ler livros como "Tarzan" e as meninas "romances" pois, embora com menor valor literário, facilitariam a aquisição do hábito de leitura.

Insiste-se no ponto que algumas soluções devem ser tentadas, se estiver convencido de que a leitura é importante. As sugestões da própria amostra estudada em relação ao barateamento do livro, organização de bibliotecas e campanhas de leitura parecem que são relevantes e viáveis.

Acrescentam-se sugestões referentes à organização de clubes de leitura, cooperativa do livro e um sistema de empréstimo condicional. Este último funcionaria de modo a permitir que cada leitor tivesse direito de levar um livro por empréstimo por um certo período desde que se encarregar de arrumar mais um leitor. Caso ele conseguisse outra pessoa interessada, teria direito a retirar gratuitamente novos livros e assim se formaria uma cadeia em que cada leitor traria novos leitores.

Independente ou associado a isto funcionariam os clubes de leitura que se encarregariam de promover debates sobre as obras lidas, campanhas de aquisição e de distribuição de livros, bem como concursos sobre relatórios de obras lidas.

Estas são algumas idéias que, desta forma ou com adaptações, poderiam vir a se tornar realidade. Espera-se que os órgãos competentes tomem a iniciativa.

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — ANSELMO, Hilda. **História em quadrinhos e adolescentes**. São Paulo, Universidade de Santo André, 1972 (Tese de Doutorado).
- 2 — BERLO, David. **O processo de comunicação**. 2 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1968.
- 3 — BROWN, D. A. The reading interest of Adult Basic Education Students. In Griffith, W. S. & HAYES, A. P. **Adult basic education the state of the art**. Chicago, The University of Chicago, 1970, p. 104-9.
- 4 — DAWSON, M; ZOLLINGER, M; ELWELL, A. **Griding language learning**. 2 ed. New York, Harcourt Brace & World, 1963.
- 5 — IEL. **Pesquisa sobre interesses e hábitos de leitura entre alunos de 2º grau de Porto Alegre**, Porto Alegre, Gráfica Editora A Nação S.A., 1975.
- 6 — OLIVEIRA, Paulo de T. **Livros Didáticos de leitura e interesses de escolares em leituras**. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1972.
- 7 — RODRIGUES, Adilson. **Problemas na metodologia da comunicação e expressão**. Porto Alegre, 1974 (conferência pronunciada na PUC/RS em 28 de maio de 1974).
- 6 — OLIVEIRA, Paulo de T. **Livros didáticos de leitura e interesses de desenvolvimento organizacional**. **Cadernos de Psicologia Aplicada**, 1975, 3 (1), p. 13-33.
- 9 — SAVINO, A. **Leitura extensiva: uma experiência educativa**. **Curriculum**, 1972, 11 (2), p. 7-19.
- 10 — SILVA, Ieda D. da. & CARVALHO, M. Vicentina de C. **Linguagem. Comunicação**. Belo Horizonte, Vigília, 1971.
- 11 — SIMÕES, Paulo — Conferência pronunciada aos professores do Colégio Estadual Padre Reus, 1977.
- 12 — SOARES, Magda. **O ensino da comunicação e expressão (Ciclo de conferências pronunciadas na PUC/RS, Porto Alegre, 1970)**.
- 13 — WIEDEMANN, **Dinâmica de grupo aplicada ao ensino de Português**. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica, 1973.